

LITURATERA¹

Jacques Lacan

Esta palavra, inventada por mim, tem origem legítima no dicionário da língua latina: lino, litura², porém ela nasceu de um jogo da palavra, usado para se criar um dito espirituoso: o trocadilho na fala, a interversão no ouvido.

Este mesmo dicionário me traz a auspiciosa sensação de estar certo eu, ao partir, como fazia (partir aqui é repartir) da ambigüidade de Joyce (falo de James Joyce) quando desliza de letter para litter, ou, numa tradução imperfeita, de escrito para escroto.

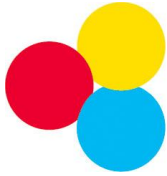
Lembram-se naturalmente de uma personagem com pruridos de mecenate que, por lhe querer muito bem, lhe oferecia, como se fosse uma ducha, uma psicanálise. E ainda por cima, de Jung...³

No jogo aqui evocado, ele nada teria ganho, indo direto ao melhor do que é possível esperar da psicanálise em seu final. Lixando-se com a letra estará ele ainda pensando em São Tomás, como é comprovado em toda sua obra? Ou então a psicanálise atesta assim sua convergência com o que nossa época se ressentida da liberação do antigo laço capaz de deter a poluição na cultura.

¹ Lituratera, com uma simples transposição de letras (anagrama) se transforma em literatura.

² Em latim: o verbo Lino, leni, litum, significa: manchar, sujar, borrar; litura é sujeira, rasura, borrão; litus, litoris, é praia, litoral, costa.

³ Lacan está se referindo a Dona Edith Rockefeller MacCornick, residente em Zurich quando Joyce também lá se refugiou. Ela protegia Joyce com uma mesada substancial; porém era “devota” de Jung e, sabendo da aversão de Joyce por Jung, cortou-lhe bruscamente a mesada.



Cogitava eu sobre o assunto, por acaso, pouco antes de maio de 68, para não desapontar os indecisos e desorientados destas afluências que me seguem onde eu compareço para visita atualmente, nesse dia eu estava em Bordeaux. A civilização é o esgoto, foi essa minha premissa.

Sem dúvida, é preciso dizer que eu estava farto da lixeira à qual amarrei meu destino. Mas, como sabem, não sou o único participante a admiti-lo, acredito.

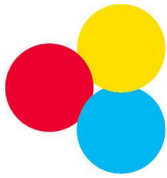
Acredito, ou, pronunciando de outro modo, o crédito colocado na balança por Beckett para compensação do débito causador da degradação do nosso ser, resgata a honra da literatura, e me alivia do privilégio inerente, segundo eu poderia pensar, à minha posição.

A questão consiste em saber se a explicação apresentada pelos manuais, fazendo a literatura parecer acomodação dos restos depende de colocar por escrito coisas inicialmente rotuladas de canto, mito falado, procissão dramática.

Quanto à psicanálise, o fato de estar apensa ao Édipo, em nada a qualifica por ser encontrada no texto de Sófocles. A evocação por Freud de um texto de Dostoievski não basta para dizer que a crítica de textos, até agora reserva de caça do discurso universitário, tenha sido mais arejada pela psicanálise.

Aqui o meu ensino tem lugar numa mudança de configuração usando como reclame um slogan de promoção do escrito, havendo porém outros testemunhos – por exemplo, em nossos dias afinal Rabelais é lido – que mostram um deslocamento de interesses, mais de meu agrado.

Estou nisso como autor menos implicado do que se imagina, e os meus Écrits são título mais irônico do que se pensa: quando o caso é com relatórios, função de



Congresso, ou então de “cartas abertas”, onde faço questão de uma parcela de meu ensino.

De todo modo, para não me expor nessa “esfrega” literária própria do psicanalista desprovido de inventividade, denuncio então a tentativa infalível de demonstrar a desigualdade de sua prática na motivação do mínimo julgamento literário.

No entanto, chega a ser espantosos eu abrir esta coletânea com um artigo isolado por mim de sua cronologia, o caso consistindo num conto, ele mesmo bem singular, pois não cabe na lista ordenada das situações dramáticas: é narração do que acontece com a postagem de uma carta expedida, alguém sabendo das sucessivas remessas, e onde encontro apoio para afirmar que a dita carta chegou a seu destino, depois de – com os desvios no caminho – o conto e sua conta se terem sustentado, sem precisar recorrer a seu conteúdo. Por tudo isso, é notável o efeito produzido naqueles em cujas mãos ela passa, sucessivamente, todos atentos ao poder conferido por sua apropriação, mesmo transitória, permitindo interpretá-la, como faço, como uma feminização.

Esta é a explicação, bem detalhada, do que distingue a carta do significante por ela transportado. Isto não é fazer metáfora da epístola. Pois o conto consiste em fazer desaparecer num passe de mágica a mensagem e a carta seguir as peripécias sem ela.

Minha crítica, se considerada como literária, não poderia incidir, estou tentando, senão sobre o que Poe, como escritor, armou uma mensagem tal sobre a carta. Claro, não dizendo os detalhes, não é insuficientemente, é tanto mais rigorosamente à sua admissão.



Não obstante, a elisão não poderia ser elucidada por meio de algum traço de sua psicobiografia: ficaria mesmo tapada. (Assim a psicanalista que limpou os outros textos de Poe, pede aqui dispensa de seu trabalho doméstico).

Tampouco meu próprio texto não poderia se resolver com minha psicobiografia: o meu desejo então formulado de ser lido convenientemente. Para isso seria preciso ainda desenvolver o meu entendimento do que a carta transporta para chegar sempre a seu destino.

É claro, como de hábito, a psicanálise receber da literatura, caso vá buscar no recalco de sua alçada, uma idéia menos psicobiográfica. Por mim, se proponho à psicanálise a carta como em aguardo, é devido a ela não ser aí bem sucedida. E por aí eu esclareço: quando invoco as luzes, é para demonstrar onde a psicanálise faz buraco. De longa data já se sabe disso: em óptica nada há mais importante, assim se armando a mais recente física do fóton.

Por esse método a psicanálise melhor justifica sua intrusão: pois, se a crítica literária pudesse efetivamente se renovar, seria pelo fato da psicanálise estar lá, para lhes serem comparados os textos, pois de seu lado está o enigma. Sem destratar, porém, aqueles que não a exercem, antes, são exercidos pela psicanálise, posso adiantar que não entendem bem minhas falas.

Em sua intenção eu lhes oponho verdade e saber: com a primeira eles logo reconhecem seu ofício, mas, num interrogatório firme, é sua verdade que eu aguardo. Insisto em corrigir meu “disparo” de um saber sem sucesso: como se diz figura “embutida”⁴, não é insucesso do saber. Fico sabendo então, as pessoas acham-se dispensadas de comprovar qualquer saber.

⁴ No original: abyme, e não abîme: no Petit Larousse: uma obra no interior de outra: uma história dentro de outra história, uma pintura aparecendo num quadro.



Seria letra morta eu ter intitulado um dos trechos dos meus Escritos... da letra a instância, como razão do inconsciente? Não seria assinalar bastante na letra o que, devendo ser insistido, não está lá em pleno direito tão forte de razão como afirmado. Dizê-la média ou extremada, é mostrar sua bipartição, toda medida chegando a esse ponto, mas não haverá nada no real dispensando esta mediação?

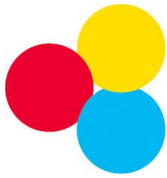
A fronteira, realmente, ao separar dois territórios, simboliza serem os mesmos para quem a transpõe, tendo medida comum. É o princípio da Umwelt, fazendo reflexo à Innenwelt. Aborrecida, esta biologia que já de princípio se dá tudo: especialmente o caso da adaptação; e não falemos da seleção, é ideologia abençoada por ser natural.

A letra não será ... litoral mais propriamente, seja figurando um domínio inteiro fazendo fronteira a outro, por serem estrangeiros, e não chegando a ser recíprocos.

A borda do buraco no saber, eis o que desenha. E como a psicanálise poderia negar, se, justamente a letra diz, ao pé da letra, não sendo possível não conhecê-lo, a existência desse buraco, pois para enchê-lo, seu recurso é invocar o gozo?

Falta saber como o inconsciente, que digo ser efeito de linguagem, pois lhe supõe a estrutura como necessária e suficiente, comanda esta função da letra.

Que ela seja o instrumento próprio para a escrita do discurso não a torna imprópria para designar a palavra tomada por outra, até por um outro, na frase, simbolizando pois certos efeitos de significante, mas não impõe que ela seja primária em seus efeitos. Impõe-se um exame, não desta primazia, não sendo nem mesmo suposta, mas do que da linguagem chama litoral ao literal.



O que inscrevi, com a ajuda de letras, das formações do inconsciente para recuperá-los das formulações de Freud, sendo o que são, dos efeitos de significante, não autoriza a fazer da letra um significante, nem mesmo a afetá-la de primazia em relação ao significante. Tal discurso confessional só pode surgir daquele que me importa. Mas ele me importa em um outro destacado por mim, no devido tempo, do discurso universitário, isto é, do saber posto em uso a partir da aparência.

O mínimo sentimento desta experiência da qual me defendo só pode resultar de um outro discurso, deveria evitar produzi-lo, sem lhe admitir a autoria. Deus querendo, vão me dar sossego. De todo modo, este jeito de se importarem comigo, é bastante importuno.

Se eu considerasse admissíveis os modelos de Freud no Esboço, onde há perfuração de nossos caminhos, eu nem precisaria fazer metáfora da escrita. A escrita não é coisa impressa, nem é impressão: e também os blocos mágicos podem ser esquecidos.

Quando me aproveito da carta 52 para Fliess, é lendo o que Freud enunciava com o termo por ele forjado, WZ, isto é Wahrnehmungszeichen, coisa próxima do significante numa data anterior à publicação de Saussure (do signans estóico).

Freud a escreveu com duas letras, mas isso não prova que a letra seja primária.

Vou, portanto esforçar-me para indicar o essencial do que me parece produzir a letra como conseqüência, e da linguagem, precisamente é esse meu dizer = quem fala habita a linguagem.



Vou me servir de traços de uma economia da linguagem que permite desenhar a minha idéia de estar a literatura virando literatura.

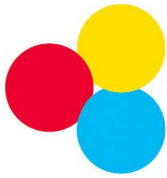
Não se espantem de me ocupar com demonstração literária, pois acompanho a marcha do assunto. É possível porém afirmar o valor de tal demonstração.

Estou voltando de uma projetada viagem ao Japão, pois na viagem anterior eu só sentira ... litoral. Entendam-me, por favor, nas minhas meias-palavras, pois ainda agora, falando do Umwelt repudiei algo que tornava impossível a viagem: num lado, garantindo o seu real, porém prematuramente, devido à distribuição errada, a partida atrapalhada, quando muito se podia entoar: “Vamos agora”.

Assinalo apenas o momento quando me dei conta de estar em rota nova, seguida agora por não estar mais interdita, como na primeira viagem. Quero dizer, porém, que não foi o fato de estar viajando ao longo do círculo Ártico que influiu na minha impressão da planície siberiana... Meu presente ensaio, que poderia se intitular uma siberiética, não seria publicado se a desconfiança dos soviéticos me permitisse ver as cidades, com indústrias, instalações militares valorizando a Sibéria, mas é apenas uma condição ambiental – ou talvez ocidental? – indicando o acidente de um amontoamento de extermínio.

Decisiva é somente a condição litoral, e esta só funcionava por ser literalmente o que o Japão com sua escrita me dera esse por demais pequenino justamente para eu senti-lo, pois afinal de contas eu já dissera que isso afeta eminentemente sua língua.

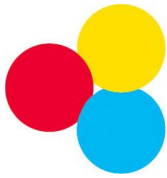
Sem dúvida, esse por demais resulta de ser veiculado pela arte: quero dizer, isso é demonstrado pelo casamento da pintura com a letra, precisamente sob a forma de caligrafia.



Como dizer de minha fascinação pelas coisas pendentes, kakemono na linguagem familiar, penduradas nas paredes de todos os museus desses lugares, no entanto recobertos de caracteres, de formação chinesa, de que tenho algum conhecimento, mas por pouco que eu saiba, permitem avaliar o que se elide na cursiva, onde o singular da mão esmaga o universal, isto é, propriamente o que vos ensino valer só pelo significante: não estou localizando mais, por ser noviço. O importante não seria isso, pois mesmo este singular apoiando forma mais firme, e junte a dimensão, ou como já disse, a demansão, aquela evocadora do que eu instauro do sujeito no Huno-em-Pelucia, pelo fato de encher a angústia da Acoisa, isto é, o que eu conoto do petit-a aqui faz objeto de ser o troféu de qual aposta que se ganha com tinta e pincel?

Invencivelmente como tal me apareceu, esta circunstância não é nada: por entre as nuvens, o escorrimento, único sinal a aparecer, por se estar operando aí, mais do que para indicar o relevo nessa latitude, em toda a planície siberiana, planície desolada, só reflexos de vegetação, encontrados na sombra do que está faiscando.

O escorrimento é o arremate do primeiro traço e do que o apaga. Eu já disse: de sua conjunção ele se faz sujeito, mas dois tempos aí se marcam. É preciso pois, daí distinguir a ratura (ou rasura). Rasura de todo traço de antes, é o que faz terra do litoral. Litura pura é o literal. Produzi-la é reproduzir essa metade sem par da qual subsiste o sujeito. Esta é a proeza da caligrafia. Tentem fazer essa barra horizontal traçada da esquerda para a direita para figurar com um traço o um unário como caracter, vocês vão perder muito tempo para descobrir com que apoio ele se ataca, com que suspensão ele se detém. Falando verdade, é desesperante para um ocidentado.



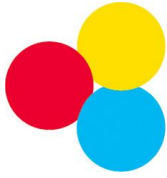
É necessário um andamento só alcançado com a separação de tudo que pode excluí-lo. Entre centro e ausência, entre saber e gozo, há litoral que só passa a ser literal, se nessa virada, você possa torná-lo igual, a todo instante. Só então com isso você pode se considerar agente sustentador.

O que se revela de minha visão de escorrimento, visto aí dominar a rasura, é que, ao se produzir entre as nuvens, ele se conjuga em sua fonte, pois é mesmo das nuvens que Aristóфанes me faz sinal para encontrar o que há com o significante: isto é, a aparência por excelência, se é de sua ruptura que nem a chuva, efeito dele aí se precipitar, o que era matéria em suspensão. Esta ruptura, capaz de dissolver o que fazia forma, fenômeno, meteoro, e da qual fala que a ciência trabalha para descobrir seu aspecto, não será assim que dispensando o que faria gozo nesta ruptura e então o mundo, e também o imundo, possa aí haver pulsão fazendo figura da vida. O que se evoca de gozo no rompimento da aparência, eis o que se aparenta no real como rego de enxurrada.

Pelo mesmo efeito a escritura é no real a formação do rego no significado, com bem mais aparência quando faz o significante. Ela não é decalque desta, mas de seus efeitos de língua, coisa forjada por quem a fala. Ela só vai aí de novo, para tomar nome, como acontece a esses efeitos entre as coisas denominadas pela bateria significante após o seu cômputo.

Mais tarde, do avião apareceram isóbaras, talvez obliquas devido a algum aterro, outros traços perpendiculares àqueles outros cuja inclinação (do relevo) estava marcada pelos cursos d'água.

Pois não vi em Osaka como as auto-estradas se posam umas sobre as outras, como planadores chegados do céu? Além do que naquele país, a arquitetura mais moderna encontra a antiga para imitar uma asa de pássaro abatido.



O caminho mais curto de um ponto a outro só pode ter sido indicado pela nuvem empurrada pelo vento sempre na mesma direção. Nem ameba, homem, galho, mosca, formiga, serviriam de exemplar antes da luz se mostrar solidária de uma curvatura universal, aquela na qual a linha reta se sustenta por inscrever a distância aos fatores efetivos de uma dinâmica de cascata. Reta só da escrita, medição de terras só vinda do céu. Escrita, como medição de terras são artefatos habitando somente a linguagem. Não podemos esquecer isso, quando nossa ciência só opera com uma enxurrada de letrinhas e gráficos combinados!

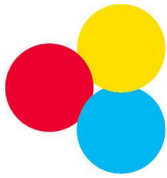
Por baixo da ponte Mirabeau, como sob a outra ponte que serviu de cartaz para uma antiga revista minha, e aproveitando esta pont-ouvido a Horus-Apolo, sob a ponte Mirabeau, então, corre o Sena, e é uma cena como aquela do V romano da hora cinco (cf. O Homem dos Lobos). É verdade, porém, haver necessidade da palavra de interpretação se derramar aí para sentir melhor seu gozo.

Para o sintoma instituir a ordem reveladora de nossa política, por outro lado implica que tudo articulado nessa ordem seja passível de interpretação.

Por isso, é bem razoável colocar a psicanálise no capítulo da política. Isso poderá não trazer muito sossego para quem até agora fez política, se a psicanálise se mostrasse prevenida.

Bastaria talvez, seguramente há quem pense assim, tirarmos da escritura um outro partido, fora da tribuna ou tribunal, para mexermos com outras palavras, e recolhermos o seu tributo.

Não há metalinguagem, mas a escrita fabricada de linguagem é material talvez bastante para aí se mudar as nossas falas.



É possível ao litoral constituir discurso assim caracterizado por não emitir aparência? Esta é a pergunta lançada só da literatura dita de vanguarda, por sua vez, feita de litoral: e, pois, não se apóia na aparência o que, aliás, só prova a quebra, que só um discurso pode produzir com efeito de produção.

O que parece pretender uma literatura em sua ambição de literaterrar, é organizar-se com um movimento chamado científico por ela. Fato é que a escrita fez maravilhas aí, e tudo indica que estas maravilhas não estão a ponto de esgotamento.

Entretanto, a ciência física está, vai estar, reduzida à consideração do sintoma nos fatos, pela poluição do que se chama do terrestre, sem outra crítica do Umwelt, o ambiente; é a idéia de Uxküll behaviorizada, isto é, cretinizada.

Para literaterrar a mim mesmo, noto que não fiz na formação do rego de enxurrada, que é sua imagem, metáfora alguma. A escritura é mesmo esta produção do rego, e quando falo de gozo, invoco de modo legítimo o que venho acumulando como auditório; e também incluo os de quem estou privado, pois deles me ocupo.

Desejo mencionar o que acontece com um fato já apontado: isto é, o de uma língua, o japonês, como trabalhada pela escrita.

Incluso, ou não, na língua japonesa um efeito de escritura, o importante é ele ficar ligado à escritura e o que é portador do efeito da escritura seja uma escritura especializada no fato de poder ser lida em japonês com duas diferentes pronúncias: em on-yomi, seria pronúncia em carácter, o carácter se pronuncia



como tal distintamente, em kun-yomi a maneira de se dizer em japonês o que ele quer dizer.

Será cômico ver designar aí, a pretexto de caracter ser letra, os destroços do significante correndo nos rios do significado. É a letra como tal que apóia o significante segundo a lei da metáfora. É de outro lugar: do discurso que ela a toma na rede da aparência.

No entanto, ela é promovida de lá como referente tão essencial quanto outra coisa, e isto muda o estatuto do sujeito. Que ele se apóie num céu constelado, e não somente no traço unário, para sua identificação fundamental explica que ele só possa encontrar apoio no Tu, sob todas as formas gramaticais cujo mínimo enunciado varia com as relações de polidez implicadas em seu significado. A verdade reforça aí a estrutura de ficção denotada por mim, de estar esta ficção submetida às leis da polidez.

Singularmente isto parece comportar o resultado de não haver nada a defender do recalcado, pois o próprio recalcado encontra como se alojar da referência à letra.

Em outras palavras, o sujeito está dividido como em todo lugar, pela linguagem porém um de seus registros pode se satisfazer com a referência à escritura, e o outro, com a palavra.

Sem dúvida, é o que dá a Roland Barthes este sentimento arrebatado de que de qualquer maneira o sujeito japonês não encobre nada. O império dos signos assim ele intitula este ensaio querendo dizer: império das aparências.



O japonês, dizem-me, a acha ruim. Pois nada é mais distinto do vazio cavado pela escritura que a aparência. O primeiro é caneca sempre pronta a acolher o gozo, ou pelo menos, a invocá-lo por seu artifício.

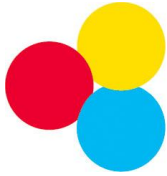
Pelos nossos hábitos, nada comunica menos de si do que um tal sujeito que afinal, nada esconde. É só manipular vocês, o que precisa: vocês são elementos, entre outros, do cerimonial onde o sujeito se compõe justamente para poder se decompor. O bunraku, teatro de fantoches, mostra esta estrutura bem comum para aqueles a quem transfere seus próprios costumes.

Também, como no bunraku tudo que se diz poderia ser lido por um repetidor. Isso deve ter aliviado Barthes. Japão é o lugar mais natural para se apoiar num ou numa intérprete, justamente por não se precisar de interpretação.

É a tradução perpétua feita linguagem.

Gostei mesmo que a única comunicação que lá eu tive (não contando com os europeus com os quais sei maneja nosso mal-entendido cultural) é também a única que naquele país como em outro lugar passa a ser comunicação, por não ser diálogo: a saber, a comunicação científica.

Ela levou um eminente biólogo a me demonstrar seus trabalhos, naturalmente no quadro negro. O fato de eu, por falta de informação, não ter aí compreendido nada, não impede a validade do que lá estava escrito. Válido para as moléculas das quais meus descendentes se farão sujeitos, sem jamais chegar a saber como eu lhes transmitiria o que tornava natural eu classificá-los comigo, por lógica pura, entre os seres vivos.



INSTITUTO
DA PSICANÁLISE
LACANIANA

Uma ascese da escritura não me parece que seja aceita senão juntando-se um “está escrito” para instaurar a relação sexual.

Tradução: *Dr. Luiz de Souza Dantas Forbes*